

LEVEZA INSTITUCIONAL

Sobre este tema: “Leveza Institucional” o Seminário sobre a Vida Religiosa Consagrada teve o seu foco definido.

Nas reflexões diversas de Teólogos, Biblistas, Psicólogos e Missiólogos sobre este assunto, alguns pontos gostaria de destacar como incômodo, pois não há receita pronta, mas caminhos e esperança.

- ❖ Hoje é o Tempo de Deus – o Kairos - tempo que nos é dado para nos converter, conviver, evangelizar.
- ❖ Temos muitas convicções de que a VRC é uma “loucura”. E é uma loucura porque nasce de uma paixão por Jesus Cristo e pelos valores do Reino. E esta paixão é uma resposta a uma paixão pela humanidade.
- ❖ “Não basta um ideal religioso, social ou humanitário como motivação para a Vida Religiosa Consagrada”. Somente o encanto inicial, mas também o re-encanto consciente por Jesus Cristo e a proposta do discipulado conseguem mantê-la apostólica, jovial e significativa!

Apresentamos abaixo a reflexão de Afonso Murad, pois conseguiu resumir em pontos chave a questão da leveza institucional.

❖ **Por que leveza?**

Para tomar consciência dos pesos e superar a lentidão institucional que freia as mudanças.

❖ **A vida adulta inclui os dois lados:**

- O que constitui a leveza? Alegria, flexibilidade, liberdade;
- O que constitui peso? Dureza, responsabilidades não assumidas com alegria.

❖ **Para que leveza?**

Para responder com disponibilidade e agilidade aos apelos de Deus hoje.

❖ **A base da leveza:**

Autoconhecimento, acolhimento do lado luminoso e de sombras. “A insegurança gera dureza. A liberdade interior gera leveza”.

❖ **Atitudes interpessoais de leveza:**

- Compromisso com projetos comuns;
- Vida comunitária com ênfase na qualidade das relações;
- Estímulo à partilha de sentimentos;
- Respeito às diferenças, se elas se somam.

❖ **Cultivo das atitudes de leveza:**

- Alegria e simplicidade;
- Valorizar o positivo das pessoas e dos processos;
- Exercitar a gratidão às pessoas;
- Cultivar o coração de criança;
- Equilibrar o trabalho com a gratuidade;
- Dar o peso que as atitudes merecem.

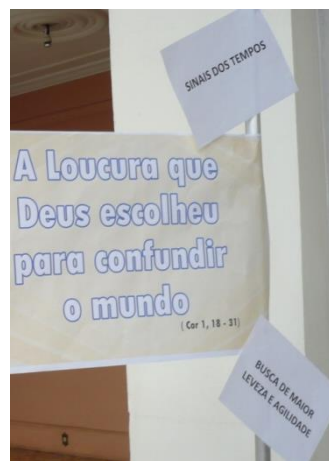
❖ **Leveza e agilidade nas estruturas de governo dos institutos:**

- * Rever a quantidade e o ritmo de reuniões;
- * Favorecer consultas e participação das comunidades e província, aumento do senso de pertença;
- * Envolver os leigos na missão e na espiritualidade;
- * Empreender iniciativas com outras províncias e institutos em causas comuns (intercongregacionalidade).

❖ **Gestão dinâmica das obras:**

- Superar o amadorismo e o jeito “caseiro” de fazer;
- Recorrer a profissionais;
- Formar consagrados(as) para a gestão;
- Promover a inovação de processos;
- Aprender das organizações modernas; Reduzir os níveis de chefia e os conceitos inúteis;
- Estabelecer metas e avaliar;
- Aumentar o empoderamento dos colaboradores.

❖ **Espiritualidade da leveza/agilidade:**



- ✚ Leveza de Jesus: “Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados. Assumam as minhas exigências e aprendam de mim. E encontrarão repouso. Minha carga é suave e meu fardo é leve” (Mt 11,28s)
- ✚ Liberdade que brota da comunhão com Deus: espigas arrancadas no sábado. Obedecer e transgredir, com sabedoria e ousadia profética. (Mt 12,1-8).

A Teóloga Ir. Annette (ISM) assim se expressa: **“A leveza Institucional começa dentro da nossa instituição interior, nosso eu”**. “Precisamos de pessoas humanas e que humanizem, pessoas que vivem a paixão pelo Reino e transmitem esta paixão”.

AINDA OUTRO TEXTO PROPOSTO NO SEMINÁRIO DA VIDA CONSAGRADA

(realizado em fevereiro de 2012 em Itaiaci- Indaiatuba/SP).

“Jesus vivo e ressuscitado é, e onde deixou de ser, deve voltar a ser, o centro da nossa vida, das nossas comunidades cristãs e religiosas, e dos critérios das nossas instituições; é à volta dele que nos estruturamos e é d’Ele que recebemos a vida que anima e que nos permite enfrentar as dificuldades. Sem Jesus, estaremos secos e estéreis, incapazes de encontrar a vida em plenitude; sem Ele, seremos um rebanho de gente assustada, incapaz de enfrentar o mundo e de ter uma atitude construtiva e transformadora; sem Ele, estaremos divididos, em conflito, e não seremos comunidades de irmãos e irmãs.

A essencialidade e a liberdade de Jesus (cf Lc 4,18-21; Fl 2,5-11; Hb 2,14-18; Lc 19,1-10) nos ajudarão a recuperar, na nossa história pessoal e institucional, a vida.

Desta forma, perguntamo-nos quais são hoje os espaços de vida, que tipo de vida desejamos viver e deixar para as futuras gerações? Devemos voltar a sonhar juntos/as com profundo projeto de vida, pelo qual nos permita ser o que somos, e deixar de lado o que não é essencial e nem fundamental.

Hoje, mais do que nunca, esta “é uma travessia que exige da VRC despojamento das certezas e seguranças, para dar lugar ao novo, que deve ser desprovido de interesses e ambições por poder, e ter por único alicerce Deus, que conduziu e continua conduzindo a história até os dias atuais”. (Fl 2,5)

Uma Vida Religiosa *‘rica’* tem muita dificuldade de estar ou ir ao encontro das pessoas, de pensar e agir em perspectivas diferentes. Uma Vida Religiosa *‘poderosa’* se distancia da sua essência: ser testemunha do Deus revelado por Jesus. Uma Vida Religiosa *‘pesada’* nas suas estruturas tem muita dificuldade em ser leve/missionária/ profética. Uma Vida Religiosa *‘intimista’* nos impede de sermos místicos/as e de viver a fraternidade.

Não tenhamos medo! Avancemos com coragem e ousadia!

Nos últimos anos muito se tem escrito sobre a necessidade de tornarmos mais leves as nossas instituições, de assumirmos propostas mais coerentes com a nossa vocação e darmos respostas mais proféticas em face de uma sociedade pós-moderna. Porém, é necessário reconhecer que fizemos um caminho histórico, tanto na Igreja, como nas comunidades cristãs e na Vida Religiosa, que muito nos distanciam desse objetivo. Precisamente acabamos criando espaços privados, espaços nos quais nós religiosos/as, presbíteros, leigos e leigas multiplicamos as estruturas e onde nos encontramos para *fazer ‘as coisas’*. O mundo, um pouco autista, dentro do qual a Vida Religiosa às vezes vive, impede-a de atualizar na história os apelos do Evangelho em resposta às interrogações dos homens e mulheres de hoje.

Ao longo dos anos, inventamos estruturas piramidais em lugar das comunidades circulares do início da nossa fé, e perdemos a espontaneidade da fraternidade. Deixamos de ser irmãos/ãs uns/ umas dos outros/as para assumirmos lugares, postos e posturas de superiores/ as. E saímos construindo estruturas para sermos mais competentes na missão e na condução da vida.

A Vida Religiosa, paradoxalmente, nasce dentro do contexto histórico de um cristianismo que começava a ser muito estruturado. De fato, com a “conversão” de Constantino, o cristianismo muda. As comunidades cristãs, que antes sofriam perseguições, perigos e exclusões, passam a viver no meio de privilégios, porque passa a ser a

religião do Estado. Nós bem sabemos que em todos os níveis, seja aquele político como aquele social, passar da minoria a ser maioria é algo que transforma a vida das pessoas.

No entanto, existiram algumas pessoas que, dentro desta história bem concreta, intuíram que este não era o sonho de Deus, a boa nova iniciada por Jesus. Estas pessoas começaram um caminho alternativo àquele vigente, onde era possível viver simplesmente e radicalmente o Evangelho como ele é, enquanto para muitos cristãos parecia que para viver o Evangelho se necessitava ter muitas coisas. Eram homens e mulheres do povo e o sonho que eles tinham nós hoje chamamos de Vida Religiosa, e é o sonho da reconstrução da harmonia da circularidade, das relações a partir do Evangelho. Não nascemos com a intenção de separar ou dominar. Mas, a Vida Religiosa nasceu, vocacionalmente, como busca de vida, e se é assim, cada projeto na Vida Religiosa nasce em volta de sonhos 'vitais', de liberdade.

Esses nossos primeiros irmãos e irmãs iniciaram essa experiência na solidão e na austeridade do deserto, como expressão da busca de viver a boa nova do evangelho. A *fuga mundi* era o desejo da mentalidade que começava a criar profundas separações, estruturas e fraturas dentro das comunidades cristãs. Buscava-se espaços de vida onde realmente se podia reconstruir uma história circular: uma situação de comunhão eucarística, onde circulavam os bens, os carismas, a fraternidade.

Para nós, religiosos e religiosas do terceiro milênio, é interessante repensar a nossa história e repensá-la com coragem, ousadia para reconquistarmos a nossa vocação profética na história e reencontrarmos a nossa leveza. Para nós, existe somente uma *fuga mundi*, e é aquela fuga do poder, da arrogância, do egocentrismo em nossas vidas, da busca desenfreada de sermos eficientes e reconhecidos pelo que temos e não pelo que somos. Devemos voltar ao Evangelho, onde Jesus é a nossa bússola, a nossa leveza”.

PARA REFLEXÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA:

- 1) Cremos que nossa Província necessite ser mais leve institucionalmente? Temos condições de assumir um processo para se ter uma maior leveza? Por quê?
- 2) O meu Projeto de Vida e o Projeto de minha Fraternidade tem permitido deixar de lado o que não é essencial e nem fundamental e assumir o que dá maior dinamismo na vida pessoal, comunitária e na missão institucional?
- 3) Como conseguir articular nas nossas comunidades um estilo de vida que nos permite sermos mais leves e proféticas? Sejamos muito concretas.
- 4) Em todo processo da Vida Religiosa
 - a) O que devemos assumir – declarar “inegociável”?
 - b) O que devemos modificar – viver em permanente atitude de mudança?
 - c) O que devemos abandonar?
 - Sobre a reflexão acima, traçar propostas concretas e passíveis de serem vividas para que conquistemos uma leveza institucional em nossa Província.
 - Este estudo será feito nas fraternidades, nos meses de outubro e novembro e serão enviados à Província por e-mail até o dia 27 de novembro. (O grupo que terminar, pode enviar antes do prazo)
 - Somos Província, portanto, a responsabilidade é de cada uma de nós. Obrigada por toda colaboração em vários momentos, principalmente em enviar matérias para nosso Informativo: Província em Foco em tempo hábil. Isto já é uma demonstração de parceria e unidade. Gratas,

